

## **AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

Nilson do Carmo Barbosa Junior<sup>\*</sup>

Pedro Amarildo Lopes Ribeiro<sup>\*\*</sup>

### **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a importância das intervenções pedagógicas no processo de inclusão das crianças autistas. A inclusão como um processo atualmente em voga nas instituições de ensino encontra inúmeras dificuldades para efetivar-se e acaba tendo realidades diferenciadas dentro de cada instituição. Nesse sentido, surgiu o interesse por esse tema de pesquisa, diante de observação de que é cada vez mais comum encontrar pessoas laudadas com o autismo, porém, muitas pessoas ainda não conhecem suas características, necessidades e questões relacionadas ao processo de educação escolar desses indivíduos. Diante disso, pergunta-se: Como as intervenções pedagógicas podem favorecer o processo de inclusão das crianças autistas? As intervenções pedagógicas são fundamentais tanto no processo de alfabetização quanto na inclusão dessas crianças, visando assim, autonomia intelectual diante do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Crianças Autistas; Inclusão; Aprendizagem; Intervenções Pedagógicas

### **ABSTRACT**

The objective of this research is to reflect on the importance of pedagogical interventions in the process of including autistic children. Inclusion as a process currently in vogue in educational institutions encounters countless difficulties and ends up having different realities within each institution. In this sense, the interest in this research topic arose from the observation that it is increasingly common to find

---

<sup>\*</sup>Nilson do Carmo Barbosa Junior - Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - 2001; licenciado em Pedagogia pela Faculdade Germario Dantas - 2016; Pós-Graduado em Geografia, Meio Ambiente e Turismo pela Universidade Estadual do Goiás - 2006 - Mestrando em Ciências da Educação pela FICS - 2022 - profnilsonbarbosa@hotmail.com.

<sup>\*\*</sup>Pedro Amarildo Lopes Ribeiro - Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Goiás (UEG) - 2003; Licenciado em Educação Física pela Faculdade Albert Einstein - 2014; Pós-Graduado em Nutrição Humana e Saúde - 2004; Mestrando em Ciências da Educação pela FICS - 2022 - pedro123amarildo@gmail.com

people with autism, but many people still don't know their characteristics, needs and issues related to the school education process of these individuals. The question arises: How can pedagogical interventions favor the inclusion process of autistic children? Pedagogical interventions are fundamental both in the literacy process and in the inclusion of these children, thus aiming for intellectual autonomy in the teaching and learning process.

**Keywords:** Autistic children; Inclusion; Learning; Pedagogical Interventions

## RESUMEN

El objetivo de esta investigación es reflexionar sobre la importancia de las intervenciones pedagógicas en el proceso de inclusión de niños autistas. La inclusión como proceso actualmente en boga en las instituciones educativas encuentra innumerables dificultades y termina teniendo realidades diferentes dentro de cada institución. En este sentido, el interés por este tema de investigación surgió a partir de la constatación de que es cada vez más común encontrar personas etiquetadas con autismo, pero muchas personas aún no conocen sus características, necesidades y cuestiones relacionadas con el proceso de educación escolar de estos individuos. Surge la pregunta: ¿Cómo pueden las intervenciones pedagógicas favorecer el proceso de inclusión de los niños autistas? Las intervenciones pedagógicas son fundamentales tanto en el proceso de alfabetización como en la inclusión de estos niños, buscando así la autonomía intelectual en el proceso de enseñanza y aprendizaje.

**Palabras-Chave:** Niños autistas; Inclusión; Aprendizaje; Intervenciones pedagógicas

## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema debatido mundialmente, isto porque a história da humanidade demonstra um amplo processo de preconceito e isto acabou deixando resquícios nos dias de hoje, pois mesmo com a conquista de vários direitos, pessoas com deficiência ainda encontram muitas dificuldades de inserirem-se socialmente, seja na escola, no trabalho, na área pública, entre outras questões.

As inclusões de crianças autistas passam por dificuldades históricas que vai desde preconceito e falta de preparo da escola e dos professores em relação a sua inserção no ensino regular e no seu processo de aprendizagem. Diante disso, esta pesquisa tem como foco principal a inclusão das crianças com Transtorno do

Espectro Autista- TEA, nas escolas. Buscando compreender como se dá esta inclusão e quais as demandas atuais para que aconteça a inclusão de fato nas escolas.

Por isso, a temática busca analisar as intervenções pedagógicas a favor da inclusão das crianças autistas, sabendo que as intervenções ou estratégias pedagógicas contribuem tanto no processo de aprendizagem quanto na inserção desses alunos na escola e na sociedade.

## **2 Algumas Prerrogativas sobre o Autismo**

O autismo em sua abordagem de concepções e relacionado a sua história tem-se apresentado por mudanças ou evoluções no decorrer do tempo, onde as terminologias diante dos estudos foram se modificando. De acordo com Gómez e Terán (2014, p. 447) a respeito do termo Autismo, asseguram que,

O termo “Autismo” foi nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler utilizou o termo “autismo” para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos.

A partir do envolvimento com a pesquisa da terminologia sobre autismo em que Kanner nomeou, é que os estudos foram avançando por parte de outros pesquisadores e teóricos, interessados em buscar mais informações sobre suas causas e tratamentos, dentre muitos outros pontos que movem suas indagações.

Em 1943, Kanner teve a oportunidade de realizar um estudo com 11 crianças que apresentavam o quadro autístico ao qual fez um artigo cujo título foi “Os distúrbios autístico do contato afetivo”, porém, essas crianças estudadas pelo pesquisador não apresentavam esquizofrenia, pois nessa época considerava-se autista, indivíduos psicóticos e esquizofrênicos.

Foi a partir dos estudos e pesquisas de Kanner que se obteve a primeira definição do autismo. A palavra vem do grego “autos”, que significa “próprio”, alguém retraído a si mesmo. Em 1947, Bender utilizou o termo esquizofrenia infantil, pois tanto ele, como outros pesquisadores consideravam o autismo como forma precoce da esquizofrenia, discordando assim, do que Kanner propunha (Salle

et al, 2005).

Em 1948, Kanner escreveu em seu manual de psiquiatria infantil que a maioria das crianças que chegavam até ele com essas características tinha algumas coisas em comum, os pais ou avós eram, na maioria das vezes, médicos, escritores, jornalistas, cientistas e estudiosos que apresentavam uma inteligência acima da média e que também apresentavam certa obsessão no ambiente familiar (Orrù, 2007, p.19).

O autismo é uma desordem que faz parte de um grupo de síndromes chamada Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), definido por alterações presentes antes dos três anos de idade e que se caracteriza por alterações qualitativas na interação social, afetando a capacidade de comunicação e o uso da imaginação. (Gauderer ,1997, p 25).

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) só aceitou o diagnóstico de autismo a partir da sua terceira edição, publicada em 1980 (Volkmar & Senhor, 1998 citado por Adler, Minshawi & Erickson, 2014).

Desde então, os especialistas da área médica notaram a apresentação dos sintomas do autismo de uma forma mais branda ou parcial em alguns indivíduos. Após o reconhecimento do amplo espectro de sintomas relacionados ao autismo, foi nominado o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação.

Adler, Minshawi e Erickson (2014) indicam que muitos termos no campo do estudo do autismo, inicialmente chamado autismo infantil, foram influenciados pelas recorrentes mudanças de compreensão sobre o diagnóstico: autismo, transtorno autista, autismo de Kanner, autismo clássico, entre outros.

Conforme o DSM-IV-TR (2002), o Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo.

As causas do autismo ainda são um mistério para a medicina, mas apesar disso existem, na literatura sobre o tema, algumas afirmações quanto a condições que podem concorrer para o risco de ocorrência do transtorno, como, por exemplo, sua associação a “Uma gama de fatores de risco inespecíficos, como idade parental avançada, baixo peso ao nascer ou exposição fetal a ácido valproico [...].” (DSM-V, 2014, p. 56).

O autismo tem como característica de se manifestar antes dos três anos de

idade, em que começa a aparecer um dos primeiros sinais que é a sua habilidade social. O autista é praticamente incapaz de desenvolver uma relação com outras pessoas, ou seja, ele não consegue interagir com o meio social e com isso comprometendo a comunicação. (Brito, 2015, p 44)

O TEA caracteriza-se em três níveis de gravidade, que podem sofrer variações conforme o contexto em que o indivíduo está inserido e ainda oscilar de acordo com o tempo. Estes três níveis de variação classificam os déficits apresentados pelo sujeito em sua comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos (DSM-V, 2014).

Outra característica são as condutas auto agressivas ou heteroagressivas, hiperatividade e impulsividade, e foi definido pela Organização Mundial de Saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. E pode ocorrer cinco casos para cada 10.000 nascimentos. (Mantoan, 1997).

### **3 AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

As intervenções pedagógicas no autismo como em qualquer criança especial, visam a construção do conhecimento, a inserção social e a criação de um vínculo com a escola, com o ambiente e com as pessoas e em particular, a criança com TEA, uma conexão com ela mesma. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil fala da importância das articulações com outras áreas que vem agregar as demandas e as necessidades de cada criança. A criança com autismo, é antes de tudo, criança. Assim, na escola precisa de oportunidade de interagir com outras crianças e aprender sobre o mundo que a cerca. a psicopedagogia tem um papel importante no planejamento das melhores intervenções pedagógicas no autismo. (Silva, 2016).

As práticas pedagógicas iniciam-se com a adaptação do currículo, esta que se faz necessária para atender as necessidades dos alunos público-alvo da inclusão. De acordo com Vygotsky (1997), as pessoas com deficiência são sujeitos com desenvolvimento diferenciado dos demais, porém, não inferior. Por isto, é preciso ampliar as discussões em torno da aprendizagem de pessoas com deficiência e como as salas de recursos multifuncionais, isto porque „o desenvolvimento de

uma criança sem deficiência e de uma criança com deficiência segue as mesmas leis gerais; a diferença encontra-se nas peculiaridades do desenvolvimento de cada uma” (Vygotsky, 1994 apud Silva, Ribeiro e Mieto, 2010, p.210). A escola, o contexto em que o sujeito com deficiência é inserido é que irão possibilitar a ele, maiores ou menores oportunidades de aprendizagem, devendo, por isto, oferecer interações de qualidade a esses sujeitos.

Levando em consideração o que foi acima descrito, Silva (2012) deixa claro que o ambiente escolar e também do lar das crianças deve ter um painel de rotinas montado, onde as crianças sejam inseridas em diferentes tipos de atividade ao longo do seu dia a dia, como comer, brincar, ir ao banheiro, etc. tal material deve ser confeccionado com o uso de imagens, palavras e materiais concretos, pois auxiliar na organização do espaço físico onde haverá o trabalho com a criança. É assim que esse aluno conseguirá visualizar sua rotina, estruturar seu cotidiano e terá seu aprendizado mais facilitado, ganhando maior autonomia.

Vygotsky (1997) afirma que o princípio da teoria histórico-cultural é um dos que precisam balizar as atividades inclusivas na escola, pois ela considera os sujeitos com deficiência como pessoas não apenas capazes, mas que possuem sua própria história e particularidades, e que precisam ter acesso a diferentes processos que estimulem o desenvolvimento e proporcionem a alteração de suas funções psicológicas superiores. Diante desse contexto de particularidades, Favoretto e Lamônica (2014) citam que o uso de recursos visuais é algo interessante diante da criança com TEA, devendo ser utilizados desenhos ilustrados, quadros com gravuras impressas dentre outros recursos onde apresente-se os conteúdos e as atividades propostas e isto é interessante pois são alunos que possuem uma boa memória visual.

Mendonça (2015) cita como no espaço das relações escolares há diferentes tipos de interações entre os sujeitos e este se mostra um contexto adequado para que os processos compensatórios<sup>\*\*\*</sup> possam surgir. Tais processos compensatórios podem surgir da intervenção pedagógica, feita de forma sistematizada e

---

<sup>\*\*\*</sup>Entender os processos compensatórios favorece ao terapeuta a criação de caminhos diferentes que permitam o desenvolvimento do sujeito, considerando o social e a história de vida trazida pelos deficientes à clínica fonoaudiológica. Destaca-se a importância dada pelo autor aos riscos de que pesquisas e programas educacionais dirigidos à criança com deficiência focalizem processos biológicos e disfunções primordiais em detrimento de funções psicológicas superiores. Seu argumento principal é o de que processos compensatórios e caminhos indiretos podem promover o desenvolvimento. Tais processos e caminhos relacionam-se com a inserção das crianças em

adequada as necessidades que os alunos possuem e daqueles que apresentam desenvolvimento atípico. O autor faz uma crítica ao fazer pedagógico direcionado a alguns alunos que possuem deficiência onde:

[...] sinaliza que no fazer pedagógico com deficientes intelectuais, há uma preocupação em se trabalhar a aprendizagem de forma concreta, negligenciando-se o estímulo ao pensamento abstrato do indivíduo, o que só contribui para reforçar e evidenciar as deficiências. No entanto, as práticas escolares devem contribuir para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (percepção, atenção, memória e linguagem), a partir de ações planejadas, mediadas por sujeitos mais experientes. (Vygotsky, 1997, p. 43)

Assim, a qualidade das intervenções docentes no processo de escolarização do aluno que possui deficiência, irão incidir em seu processo de desenvolvimento, por isto a preocupação com a qualidade dos profissionais a frente da educação inclusiva. Assim, a proposta de Vygotsky (1997), é a de que se baseando na perspectiva histórico-cultural, o trabalho do professor seja voltado para o atendimento do aluno com deficiência e da ideia de que seu desenvolvimento depende de processos de interação que ele estabelece em seu cotidiano, este que é um processo dinâmico, onde os sujeitos aprendem a partir da internalização do conhecimento.

Coll, Marquesi e Palacios (2004), também chamam a atenção para a necessidade de conhecimento do aluno para que as intervenções pedagógicas na educação inclusiva possam alcançar melhores resultados. Segundo os autores, é importante que as instituições de ensino tenham uma equipe multidisciplinar que possa avaliar os alunos e o tipo de deficiência que apresentam, produzindo informações que permitam ao professor criar atividades e contextos que efetivem a inclusão. No caso de alunos com TEA, Brito (2017) afirma que não há respostas ou soluções absolutamente prontas e concretas e isto acontece porque cada aluno é único e possui suas particularidades e por isto, essas individualidades devem ser respeitadas.

As ações realizadas por profissionais da saúde e educação que atuam com os TEA pode englobar desde a identificação de sinais precoces de risco para autismo em bebês e crianças pequenas, intervenção terapêutica e educacional, orientações e parceria com pais e professores e encaminhamentos para outros profissionais quando necessário. A

avaliação e intervenção deve ser preferencialmente multiprofissional e interdisciplinar, em que fonoaudiólogo, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, professor/pedagogo e outros profissionais possam atuar conjuntamente (Brito, 2017, p.16-17).

Terapeutas e educadores precisam desenvolver um trabalho coletivo em torno do aluno com TEA, pois podem conduzir o processo de ensino-aprendizagem através de diferentes tipos de informações e avaliações específicas, auxiliando o aluno a vencer suas dificuldades e alcançar não apenas uma melhor aprendizagem, mas um melhor desenvolvimento.

Silva (2015) ainda acrescenta que pode ser utilizado como recursos, o teatro de sombras, caixas de luzes, entre outros, orientando a criança a desenvolver movimentos corporais, habilidades fundamentais para a aprendizagem. A aprendizagem será efetivada se a proposta despertar o interesse e a curiosidade da criança. Por isso, para que as intervenções pedagógicas no autismo cumpram seu papel, precisam motivar a criança para a aprendizagem.

A psicomotricidade está diretamente ligada à coordenação motora. Toda essa articulação é responsável pelos movimentos que todos nós aplicamos às funções do corpo no dia a dia. Na infância, ela é de grande importância, pois durante o desenvolvimento do corpo, as crianças podem aprimorar a psicomotricidade. Todo este incentivo deve vir de atividades que estimulem tanto a coordenação motora grossa, quanto a coordenação motora fina. O papel da escola e da família é restimular esta psicomotricidade, através de atividades lúdicas, para que fiquem mais interativas. Tais atividades podem significar um ganho imensurável para o cérebro, uma criança que pratica brincadeiras tende a fortalecer sua percepção das coisas que estão ao seu redor. (Silva, 2015)

Quando a coordenação do corpo, existem brincadeiras e atividades que podem estimular áreas específicas, auxiliando no bom desempenho escolar. Para o desenvolvimento da coordenação motora grossa, podemos citar os exemplos de: pular corda; jogar bola; jogar bexiga ou bola para o alto; entre outras atividades. Para o desenvolvimento da coordenação motora fina podemos incentivar: massinhas, amassar esse objeto é uma forma lúdica de trabalhar os músculos das mãos; brincar de bolinha de gude, excelente para exercitar os movimentos dos dedos; colorir trabalha movimentos dos pequenos músculos das mãos. (Silva, 2015, p.33-45).



Intervenções pedagógicas como ABA – (Applied Behavior Analysis ) – Análise Aplicada do Comportamento e PECS (Picture Exchange Communication System) – Sistema de Comunicação pela Troca de Figuras. São recursos de aprendizagem destinados a alunos com TEA. O método ABA, é uma técnica proveniente do campo científico behaviorista, as pesquisas nessa abordagem têm crescido em todo o mundo e teve grandes pesquisadores como Skinner e Watson. O objetivo desse método é observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem, visando a mudança de comportamentos específicos do aluno.

O método visa ensinar ao aluno autista habilidades que ele ainda não possui por meio de etapas cuidadosamente registradas. Cada habilidade é apresentada associando-se a uma indicação ou instrução. “Em alguns casos é dado um apoio para a obtenção das respostas, porém essa ajuda inicial deverá ser retirada logo que possível, para possibilitar a autonomia da criança”. (Cunha, 2012, p.38)

Nessa abordagem se torna importante a repetição e o registro exaustivo de todas as tentativas, bem como os resultados alcançados por meio de reforço e repetição.

**1) PECS** — este método foi desenvolvido em 1985 por Andy Bondy, psicólogo e Lori Frost, fonoaudióloga. O protocolo baseia-se na investigação e na prática dos princípios da ABA (Vieira, 2013, p.27). O objetivo principal é ensinar a pessoa que apresenta déficit no repertório verbal e que apresentam dificuldades na fala e na comunicação.

**2) TA-Tecnologias Assistiva:** auxilia na comunicação e desenvolvimento físico e mental e possibilita maior participação e autonomia nas atividades escolares, através de matérias adaptadas e recursos tecnológicos previamente estudados de acordo com a dificuldade do estudante para lhe fornece suporte, segurança e melhor desempenho nas aulas, pois como diz Bersch (2006, p.89), usar TA na escola é:

(...) buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realiza o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa “fazer” de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e

artes, com a utilização de materiais escolares e pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto.

É prover meios para que o aluno possa desafiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator.

Essas propostas de práticas pedagógicas são fundamentais no processo de inclusão das crianças autistas. O professor para trabalhar deverá observar e conhecer seu educando antes de adaptar as intervenções a serem utilizadas, avaliar recursos, ambiente, entre outros aspectos para que o trabalho tenha o êxito exigido. As abordagens acima citadas deverão ser utilizadas para que a criança com TEA construa individual e coletivamente novos conhecimentos com o apoio do educador, encontrar um caminho para que a criança com TEA possa “fazer” de outro jeito.

## **CONCLUSÃO**

Incluir alunos com qualquer tipo de transtorno ou deficiência não é algo fácil, isto porque nem todos os profissionais a frente da educação tem conhecimentos e qualificação para fazê-los e nem todas as instituições de ensino possuem condições físicas e materiais para esse trabalho. No caso da criança autista, é de suma importância que seja desenvolvido um trabalho conjunto entre família, escola, professor e outros tipos de profissionais, compreendendo o que é o autismo, suas particularidades e como desenvolver um processo de ensino-aprendizagem que além de incluí-lo, também seja de qualidade.

No caso específico da criança com autismo, surgiram várias formas de escolarizá-la, isto porque há diferentes formas de se compreender essas crianças, a forma como se desenvolvem assim como as possibilidades educativas que a elas pode ser direcionada. Há de se considerar, porém, que a escolarização desses indivíduos, ficou, por muito tempo sob responsabilidade da educação especial. Dentro dessas instituições, o atendimento a criança autista baseava-se no modelo clínico médico e a educação centrava-se nas deficiências que o aluno possuía, buscando corrigir ou amenizar os déficits que ele apresentava, porém, fortalecendo

aimagem da criança com autismo dentro do diagnóstico e afirmando a ideia de que ela não era capaz de aprender ou se desenvolver.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, B. A., Minshawi, N. F., & Erickson, C. A. (2014). **Evolution of autism: from Kanner to DSM-V**. In: J. Tarbox, D. R. Dixon, P. Sturmey, & J. L. Matson, J.L. (Org.), *Handbook of early intervention for autism spectrum disorders: research, policy, and practice* (pp.1 - 842 ). USA: Springer.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Porto Alegre: Artmed.

BERSCH, R. **Tecnologia Assistiva e Educação Inclusiva**. In: *Ensaio Pedagógico*. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial, Brasília, 2006, p. 281-285

CUNHA, Eugênio, **Autismo e Inclusão**. *Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 3 ed. Rio de Janeiro. Wak editora, 2012.

FAVORETTO, N. C; LAMÔNICA, D. A. C. **Conhecimento e Necessidades dos Professores em Relação ao Transtorno do Espectro Autista**. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar. 2014.

GAUDERER, C. **Autismo e Outros Atrasos do Desenvolvimento Prático Para Pais e Profissionais** 2ª ed. revista e ampliada. Revinter, 1997.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 1997.

MENDONÇA, F. L. R. **Formação docente e inclusão: para uma nova metodologia**. Appris, 2015

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: WAK, 2007

SILVA, Simone Linhares. **Autismo e Intervenção Psicopedagógica**. Pós — Gadrução. Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro. 2016.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas — V: Fundamentos de defectología*. Madrid, España: Machado Nuevo Aprendizaje, 1997.